



## PRECONCEITO DE ORIGEM GEOGRÁFICA E MIGRAÇÃO ESTUDANTIL INTERESTADUAL: REFLEXOS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Higo Gabriel Santos Alves  
Mestre em Educação  
Universidade Federal de Goiás  
higoallves@gmail.com

### RESUMO:

Apresenta parte da pesquisa de Dissertação de Mestrado em Educação que, por meio de pesquisa de abordagem qualitativa, buscou compreender a migração estudantil interestadual realizada por jovens universitários para ingressarem na Universidade Federal de Goiás (UFG). Apreende-se que a migração estudantil interestadual tem se estruturado enquanto política educacional devido a conjunção de diversas políticas educacionais, como por exemplo, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que possibilitou a realização de uma única prova em todo o território nacional, do Sistema de Seleção Unificada (SiSU), que aloca as vagas para que o candidato possa concorrer às vagas de qualquer instituição que tenha aderido ao sistema e da Lei 12.711/2012, que assegurou vagas às camadas historicamente excluídas da educação superior. Os estudantes que migram, carregam consigo expectativas sobre a formação profissional, bem como suas histórias, seus marcadores sociais e suas identidades, que os particularizam no espaço social. Neste sentido, após a pesquisa de campo, constatou-se que, além das dificuldades que os estudantes encontram para se afiliarem institucional e intelectualmente à universidade, os que são provenientes dos estados do Norte e Nordeste do país, lidam com o preconceito de origem geográfica no momento que migram para acessar à educação superior. Este preconceito, conforme apontado pelos estudantes nas entrevistas, se materializa nas diferenças socioculturais a partir de estereótipos já estruturados na sociedade, em que os associam à pobreza, falta d'água, preconceito linguístico, dentre outros. De todo modo, essas questões podem impactar na permanência do estudante na instituição até sua diplomação. A permanência do estudante está vinculada às condições, mas não se pode diminuir o impacto de questões que afetam a subjetividade desses sujeitos, como é o caso do preconceito de origem geográfica.

**Palavras-chave:** Migração estudantil. Preconceito de origem geográfica. Acesso à educação superior.

### INTRODUÇÃO

A educação superior brasileira, ao longo da história, foi marcada por condições estruturais particularizam a forma que o seu sistema foi implementado no país. Uma dessas particularidades é o seu limitado sistema. Tal condição reflete a oferta de vagas muito menor do que a demanda e a exclusão de determinados segmentos sociais, além disso na submissão da política educacional às políticas econômicas. Este quadro revela que o acesso à educação superior reflete as disputas que estão para além do campo educacional, indica a perspectiva de



## II SIMPÓSIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS UFMA - Bacabal, de 18 a 20 de outubro de 2023



educação dos agentes que ocupam o Estado, seja sua concepção de direito social ainda não universalizado ou da sua subordinação à lógica de um serviço.

No limiar dos anos 2000, houve uma redefinição nas políticas educacionais para o acesso à educação superior. As políticas educacionais implementadas nos governos Lula (2003 – 2010) e Dilma Rousseff (2011 – 2016) contribuíram para redefinição do sistema de educação superior. Ampliaram o número de instituições federais, interiorizando a sua oferta, o que resultou no aumento do número de cursos e matrículas; instituiu-se uma prova única para os estudantes em todo o território nacional, como foi o caso do Exame Nacional de Seleção Unificada (ENEM) e criou-se um Sistema centralizado para que pudessem se candidatar em qualquer instituição pública que a ele tenha aderido, como preconiza o Sistema de Seleção Unificado (SiSU). Houve também, a aprovação da Lei 12.711/2012, que assegurou vagas às camadas historicamente excluídas da educação superior, como indígenas, negros, pobres, pessoas com deficiência, todos oriundos da educação pública. No setor privado, houve a reformulação do Fundo de Financiamento Estudantil (FIES) e a criação do Programa Universidade para Todos (PROUNI), que concedeu bolsas parciais e integrais de até 100% do valor da mensalidade para estudantes pobres acessassem este nível de ensino.

Compreende-se que a aglutinação dessas políticas educacionais vem alicerçando a migração estudantil interestadual, uma vez que a congruência de tais políticas tem implicado imediata e progressivamente no aumento desse tipo de migração. A política educacional diz respeito não apenas ao acesso, gestão e qualidade da educação, como também ao posicionamento do Estado diante da demanda social por educação. As políticas implementadas na educação superior possuem ações diretas, materializadas em legislações, programas e projetos, com a finalidade de reconhecer um problema, neste caso, o não acesso da população à educação superior, e também em ações indiretas, que são decorrentes dessas políticas educacionais. Acredita-se que a migração estudantil vem se estruturando enquanto uma política educacional na esteira dessas políticas de acesso e permanência nesse nível de educação.

Como Cardoso et al (2022) destacam, a reestruturação da educação superior e as mudanças que ocorreram ocasionaram consequências para as IES públicas e privadas, sendo uma delas a decisão de migrar para acessar a educação superior. Assim, de forma articulada, tais políticas impulsionaram o aumento da migração estudantil interestadual (CARDOSO, et al, 2022; COLLARES, GOELLNER, 2017; LI, 2016; TERAMATSU, STRAFORINI, 2022), pois



## II SIMPÓSIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS UFMA - Bacabal, de 18 a 20 de outubro de 2023



estão estruturadas em programas que, dentre vários objetivos, assumiam esta finalidade: aumentar o deslocamento educacional.

Apesar de a migração estudantil interestadual não ser recente, esse deslocamento é impulsionado e intensificado após adoção de políticas educacionais capitaneadas pelo Estado brasileiro, como é o caso do ENEM e do SiSU. Essas políticas de acesso à educação superior ressignificam as migrações internas; se por muito tempo as migrações de nordestinos e nortistas, por exemplo, justificavam-se pela possibilidade de acesso ao mercado de trabalho, mesmo que em empregos mais subalternos, agora elas ocorrem pelo acesso à educação superior.

Os estudantes que migram carregam consigo expectativas sobre a formação profissional e sobre o que significa este ingresso em uma instituição de educação superior, bem como suas histórias, seus marcadores sociais e suas identidades, que os particularizam no espaço social. Neste sentido, como apontado na pesquisa de Alves (2023), além das dificuldades que os estudantes encontram para se afiliarem institucional e intelectualmente à universidade, os que são provenientes dos estados do Norte e Nordeste do país lidam com o preconceito de origem geográfica. Ressalta-se que esse preconceito, conforme apontado pelos estudantes nas entrevistas, se materializa nas diferenças socioculturais, na música, na geografia do território, nos hábitos alimentares, no sotaque, a partir de estereótipos já estruturados na sociedade, em que os associam à pobreza, falta d'água, inferioridade intelectual, dentre outros.

Nessa direção, este trabalho apresenta dados sobre o preconceito de origem geográfica que estudantes migrantes nortistas e nordestinos sofreram fora de seu estado da federação, no contexto das migrações estudantis para acesso à educação superior na Universidade Federal de Goiás. Na primeira seção dialogaremos sobre o preconceito de origem geográfica, em seguida apresentaremos a percepção deste preconceito pelos estudantes migrantes e nas considerações finais, pretendemos discutir o papel central que a universidade ocupa na desconstrução deste preconceito.

### **DESENVOLVIMENTO**

As manifestações de preconceito contra origem geográfica foram histórica e ideologicamente construídas na sociedade brasileira. Ressalta-se que a criação destes preconceitos não é natural, rígida e imutável, mas são edificações artificiais, nas quais se



## II SIMPÓSIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS UFMA - Bacabal, de 18 a 20 de outubro de 2023



concede, aos sujeitos ou grupos que os sofrem, homogeneidade, generalização, estereotipia, caricaturização pela via do discurso, sendo que tais características passam a definir grupo social.

A complexificação da sociedade brasileira bem como as diferenças e os conflitos sociais que a dividem, dão abertura para o surgimento de inúmeros preconceitos de procedência regional, que são confundidos com preconceito de raça, classe e oriundos da disputa por espaço no mercado de trabalho (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007). As desigualdades regionais são formas divergentes de reprodução do capital e das relações de produção. O Nordeste, dessa forma, cumpre um papel central no contexto da divisão regional do trabalho ao ofertar mão de obra barata abundante e com pouca especialização.

É importante destacar que a dinâmica da divisão das regiões, como é vista nos dias de hoje, não foi uma questão rígida e imune a movimentos externos à questão geográfica. Tal construção é uma síntese da formação social, econômica e política baseada num determinado espaço característico. Neste sentido, é importante apontar algumas características da formação sócio-histórica do Brasil.

No processo de povoamento do território brasileiro, duas características devem ser destacadas: “significativa diversidade regional e uma política de ocupação dos territórios que tinha ligação direta com a atividade mais lucrativa no momento” (SANTOS, 2012, p. 57). Para Santos (2012) no momento em que a economia açucareira colonial entra em decadência, o foco produtivo migra-se para Minas Gerais e seu entorno: Rio de Janeiro, que se torna capital da Colônia nesse período, e São Paulo, então Capitania de São Vicente. Com o advento da economia cafeeira no Sudeste, especificamente São Paulo, a região Nordeste deixa de ocupar a posição central na economia e na política brasileira. Santos (2012) argumenta que o Nordeste não se beneficiou com o ciclo do café, a região pouco se modificou estruturalmente, comparado ao período colonial. Pelo histórico apresentado, argumenta-se que a desigualdade social e a concentração de renda constroem a realidade socioeconômica da região Nordeste.

A relação entre centro-periferia foi estabelecida entre o Nordeste, subordinado e dependente, e o Sul-Sudeste, industrializado. As desigualdades regionais participam do movimento de concentração e centralização do capital. O Nordeste cumpre seu papel na divisão regional do trabalho, ao ofertar mão de obra abundante, com menor custo e especialização, em comparação a outras regiões, nas quais são concentradas as riquezas produzidas no país. Nessa direção, como pontua Santos (2012), a forma subalterna com que o Nordeste se inseriu na



## II SIMPÓSIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS UFMA - Bacabal, de 18 a 20 de outubro de 2023



dinâmica capitalista brasileira pode ser verificada nos péssimos indicadores de pobreza, analfabetismo, violência, relações precárias de trabalho, alto nível de dependência dos programas de transferência de renda.

Feitas tais considerações, é importante tratar da relação entre xenofobia e o preconceito de origem geográfica. A xenofobia é uma manifestação determinada histórica e politicamente. Ela é fruto de lutas de poder e possui alvos específicos no decorrer da história. Essa manifestação pode ser considerada como um processo de distinção dos membros de um grupo (nós = endogrupo) e de outros (eles = exogrupo), na busca pela diferenciação positivamente do endogrupo em detrimento do exogrupo. A criação dessas fronteiras não é fundada em questões naturais, rígidas e imutáveis, mas são edificações artificiais, sobre as quais inventam-se histórias e atribuem-se significados.

Na análise de Albuquerque Júnior (2016), a xenofobia pode ser caracterizada como uma reação de rejeição, aversão, recusa ao estrangeiro e ao estranho. Pressupõe uma territorialidade em que se estabelece interioridade e exterioridade simbólica, territorial, cultural, fazendo do que vem de fora desse território, dessa cultura, um estranho. Para o autor, a xenofobia é um sentimento perverso, pois incide sobre um ser humano já em situação de fragilidade, em situação de estranhamento e precariedade territorial. O preconceito se reproduz no cotidiano, mesmo que disfarçado de elogio, assim é comum ser ensinado chavões preconceituosos e nada inocentes como: “você fala correto, nem parece baiana”, “o seu jeito de falar é engraçado”, “o Nordeste é bom, só tem praia”, “baiano entende mesmo de festa”. Esses comentários também fazem parte de um conjunto de preconceitos travestidos de discursos de cordialidade e simpatia, reforçam o caráter de inferioridade que as minorias têm diante de um padrão imaginado, mas que não deveriam ter. Apesar de pertencer a uma região geográfica estigmatizada, isso seria minimizado por reproduzirem algum comportamento normatizado.

Vasconcelos (2006) argumenta que as noções de clima e raça vão singularizar o país ao explicar o atraso e a demorada mobilidade dos nordestinos. O estereótipo do nordestino origina-se da vontade do Sul de opor-se ao Norte, porém, as representações do nordestino vinculado ao rural, ao interior, é decorrente, também, da postura das elites nordestinas, isso acontece em nome da manutenção de uma ordem econômica e política. Conforme Albuquerque Júnior (2016) a figura do nordestino visava contrapor ao Brasil moderno, do café-industrial e incorporava o sertanejo, que se tornou bruto pela natureza das secas, um resistente capaz de enfrentar todo tipo de dificuldade e sobreviver a ela. A resistência se refere tanto à seca, que



## II SIMPÓSIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS UFMA - Bacabal, de 18 a 20 de outubro de 2023



assola grande parte da região, como à busca de manter a pureza da brasilidade, ao distanciar das influências modernizantes a que o Sudeste estava sujeito.

Ao se rotular de forma pejorativa um grupo social, todos os seus membros são estigmatizados e reduzidos a um único modo de pensamento, cultura, valores. No que se refere ao estigma, Goffman (2008) argumenta que este é estabelecido a partir de determinada característica dos indivíduos, passando, assim, a serem reconhecidos apenas por essa característica, como se em todos os momentos agissem utilizando apenas aquela identidade.

Com relação à temática da raça, ressalta-se que o racismo consiste na crença da existência de raças e sua hierarquização. Abriga a ideia de que há raças e que são naturalmente superiores umas às outras. Segundo Guimarães (2004, p. 11):

O racismo brasileiro, entretanto, não deve ser lido apenas como reação à igualdade legal entre cidadãos formais, que se instalava com o fim da escravidão; foi também o modo como as elites intelectuais, principalmente aquelas localizadas em Salvador e Recife, reagiam às desigualdades regionais crescentes que se avolumavam entre o Norte e o Sul do país, em decorrência da decadência do açúcar e da prosperidade trazida pelo café.

Estudos como o de Albuquerque Júnior (2012) e o de Zanlorenzi (1999) contribuem na leitura do que foi a construção social do Nordeste e no estereótipo do baiano enquanto portador da preguiça. De acordo com Albuquerque Júnior (2012), a literatura (compreendendo livros, filmes, músicas e textos sociológicos) contribuiu na forma com que inventaram uma imagem homogênea de uma parte do Brasil, um outro espaço em relação ao centro-sul, centro-oeste e norte do país, cristalizando, assim, os estereótipos subjetivados como características do ser nordestinos e da região Nordeste, localizados em posição de inferioridade.

Em sua tese de doutoramento, Zanlorenzi (1999) argumenta que o discurso de atribuir a preguiça ao baiano contém um teor racista, tendo em vista a prevalência negros naquele estado. A autora aponta que foi no movimento de a Bahia se inserir na divisão inter-regional do trabalho, tanto com relação à economia, quanto aos bens simbólicos, que a fama da preguiça foi gradativamente colada aos baianos.

Dessa forma, entende-se que o preconceito de origem geográfica contra nordestinos contribui na reprodução da desigualdade social na medida em que se naturalizam relações desiguais de poder. A dimensão simbólica de poder é incorporada para além da questão material; com isso, no que se refere ao acesso à educação superior, é uma problemática que se





## II SIMPÓSIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS UFMA - Bacabal, de 18 a 20 de outubro de 2023



relaciona não apenas com a estrutura desigual de acesso a este nível de ensino, mas que afeta também as possibilidades de permanência e a autoestima desse estudante que se constitui a partir do estereótipo do ser nordestino.

Considerando as mudanças no cenário da educação superior brasileira, pode-se dizer que a mobilidade geográfica dos estudantes no Brasil é uma realidade. Contudo, enfatiza-se que nenhum grupo se desloca sem carregar consigo mesmo um conjunto de bens simbólicos transmitidos por seu grupo social. Nesse sentido, apesar de a migração estudantil estar se tornando cada vez mais incentivada e patente na sociedade contemporânea, ainda são poucos os estudos que dão conta de discutir a complexidade desta questão e a multiplicidade de variáveis que permeiam a permanência do estudante migrante. Como Ballerini e Silva argumentam: “as migrações estudantis trazem à tona a emergência de entender a educação como uma instância para além da escola.” (2015, p. 215).

De acordo com Azevedo et. al. (2017) a migração estudantil pode representar um projeto temporário, no qual objetiva atender expectativas governamentais e quem vivencia essa migração pode se deparar com a revisão de projetos pessoais. Além disso, a ideia de provisoriedade e não pertencimento sempre acompanharão em sua trajetória acadêmica, levando os atores envolvidos a buscarem diferentes formas de integração e construção de relações sociais locais.

O preconceito de origem geográfica foi uma questão levantada pelos estudantes que migraram para a UFG. De acordo com Rosário e Soeira (2010), os deslocamentos nordestinos estão, geralmente, associados na saída da miséria e na busca por uma suposta melhora de vida em lugares mais industrializados. Esse novo tipo de migração com finalidade estudantil propõe uma ruptura no estereótipo historicamente assentado na sociedade sobre os deslocamentos de nortistas e nordestinos, ou seja, o comum seria migrar para trabalhar e não para acessar a educação superior.

As falas dos estudantes migrantes confirmam essa questão,

*Já houve algumas situações desagradáveis em relação ao meu sotaque, a minha cor ou de orientação sexual também, mas são coisas que acontecem no dia a dia e a gente releva [...] já falaram que o meu sotaque não era bonito, que era feio. Que a minha pele era um pouco escura (Arthur – migrou do Pará).*

*Eu sofri um pouco de xenofobia quando eu cheguei, porque a minha família é do norte de Minas Gerais, uma mistura com norte de Minas,*



## II SIMPÓSIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS UFMA - Bacabal, de 18 a 20 de outubro de 2023



*Belo Horizonte e baiano, sabe? As vogais são bem mais abertas, aí tinha umas pessoas que..., por exemplo, eu tinha uns amigos que brincavam comigo e eu brincava com eles, mas tinha algumas pessoas que não era brincadeira (Beatriz – migrou de Minas Gerais).*

Os excertos acima revelam o sotaque como o principal fator para o preconceito de origem geográfica. O sotaque é o primeiro modo de identificar a procedência geográfica de um determinado sujeito, são manifestações imediatas de identidade linguística dos falantes (BAGNO, 2015). A forma como algumas letras são pronunciadas contribuem para essa identificação. No entanto, a variedade linguística com uma formação social diversa pode contribuir para que o preconceito linguístico seja associado ao preconceito social. Como Bagno (2015, p. 280 e 281) destaca,

Devido às condições socioeconômicas de determinadas regiões, as falas características desses lugares receberão avaliação positiva ou negativa de acordo com o prestígio político e/ou a importância econômica da região. Isso explica a forte carga de desprestígio que pesa sobre as variedades nordestinas, identificadas com uma região tida como “atrasada” politicamente e subdesenvolvida economicamente. Um falante nordestino no Sudeste é facilmente identificado por seu sotaque e, em decorrência disso, pode vir a sofrer muita discriminação.

O que fica nítido é como o sotaque, mais do que representar a identidade linguística, funciona como um mecanismo de poder. Há uma hierarquia de formas corretas, bonitas e as consideradas engraçadas a partir do desenvolvimento econômico do país. Beatriz informou que forçou a apagar seus traços característicos de sua variedade linguística, mas que quando se sente segura volta a falar da forma que sempre se expressou.

Se as referências provenientes destas regiões não são positivadas pela sociedade, os sujeitos podem passar por perdas de referenciais linguísticos, sociais e culturais. Beatriz diz que a estratégia utilizada para não sofrer preconceito linguístico foi parar de falar com o seu sotaque, “*Me arrependo até hoje de ter feito isso. Às vezes, o meu sotaque volta quando eu estou mais confortável, em um ambiente com amigos mais próximos, no qual eu relaxo e paro de focar*”. Destaca-se que o preconceito linguístico também está associado ao capital econômico, as regiões com maiores concentrações de capital econômico tendem a ditar o modo de falar corretamente, o sotaque bonito, a prosódia a ser reproduzida.

A produção discursiva e imagética sobre o Nordeste é produto de um entrecruzamento de discursos políticos, socioeconômicos, culturais, memoriais, que podem ser construídas tanto





## II SIMPÓSIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS UFMA - Bacabal, de 18 a 20 de outubro de 2023



de um movimento interno, com o objetivo de afirmar sua identidade, como externa, com a finalidade de se contrapor ao outro. Nesse sentido, outra questão apontada na entrevista se refere à seca e à falta d'água, como exposto pelo estudante João,

*Às vezes, rolava alguns comentários como brincadeiras, sabe? Eu levo numa boa, mas outras pessoas levam para outro sentido, como xenofobia ou algo do tipo [...] no dia que eu estava me matriculando na escola de Agronomia, tem um senhor lá, e eu já tinha falado que tinha andado muito e não tinha encontrado o lugar, ele falou que no Piauí eu andava 30km para encontrar água ou algo do tipo. Foi a única situação, mas me chateou (João – migrou do Piauí).*

*Em Senador Canedo foi um pouco complicado, achei o pessoal muito xenofóbico, até então foi muito difícil para me adaptar (Jordana – migrou da Bahia).*

É fato que a ideia de Nordeste foi edificada a partir de elementos da realidade concreta, como, por exemplo, menor presença de chuvas em determinados territórios da região. No entanto, em decorrência destes problemas, construiu-se muitos estereótipos. De acordo com Albuquerque Júnior (2011), a seca de 1877 será um marco histórico. A partir deste ano, origina-se não apenas o que seria a “indústria da seca”, mas o vetor discursivo das elites econômicas dos Estados do Norte, como uma área miserável, sofrida e pedinte e, por isso, deveria contar com a solidariedade dos Estados do Sul. É fato que a seca, enquanto um evento climático, será um dos pilares das representações sociais difundidas em todo o território nacional.

Silva (2014) destaca que a produção e a circulação dos livros didáticos de geografia contribuíram na construção de várias representações sociais que particularizaram o Nordeste brasileiro, como a seca, o cangaço, messianismo, dentre outros. Para a autora, os livros didáticos são produções humanas e os conteúdos escolares não são neutros, se colocam como instrumentos pedagógicos do Estado que, além de possibilitar o conhecimento escolar, contribuem para a disseminação de valores. Ao analisar os livros de geografia produzidos na primeira metade do Século XX, a autora constata

Dentre as temáticas que compunham os conteúdos sobre o Nordeste a problemática das secas configura-se como uma constante, nos livros didáticos deste período. Ora atrelada à questão do clima sendo discutida de forma geral, relacionando-se com os aspectos físicos, como temperatura, relevo, hidrografia etc., ora limitando-se ao estado do Ceará (SILVA, 2014, p. 81).



## II SIMPÓSIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS UFMA - Bacabal, de 18 a 20 de outubro de 2023



Outra questão apontada pelos estudantes se refere à autoidentificação racial. Como percebido nas falas dos estudantes Marielle e Moa,

*Tem a questão da cor, porque eu sempre estava observando e sentia que para alguns homens, eu era algo exótico. Falava-se muito “Há, você é baiana, não acredito”. Isso foi algo muito difícil de lidar, de ser vista como exótica. Nisso vinha junto todo o meu reconhecimento enquanto mulher negra. E vinha junto esse estereótipo. Então, foi muito difícil para mim (Marielle – migrou da Bahia).*

*Não que em Salvador não tenha (preconceito), mas aqui foi mais gritante para mim. Foi aqui que a primeira vez eu percebi um segurança me seguindo em shopping, por exemplo. Foi aqui que eu percebi gente mudando o lado da rua no sentido contrário que eu estava indo; eu já vi uma vez um casal atravessar a rua por ter me visto, olhou pra mim e atravessou a rua. Aqui eu consegui perceber mais. Eu não sei, não que não tenha em Salvador mas, acho que por ser minha cidade natal, talvez eu não perceba tanto e também a maioria da população é negra, então, sei lá, eu sou mais um preto entre muitos. Aqui em Goiânia é mais degradê, as partes mais centrais da cidade esses setores mais abastados, Marista, Bueno, você só vê preto geralmente trabalhando, você não vê eles frequentando o local. (Moa – migrou da Bahia).*

As falas dos estudantes indicam que a condição racial é um marcador fundamental no processo de afiliação, uma vez que essa população possui as menores taxas de escolarização e conseqüentemente impacta no percurso escolar (qual escola que acessa e a necessidade de ter que estudar e trabalhar). Ressalta-se que, conforme a pesquisa Características Gerais dos Domicílios e dos Moradores de 2022 da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua<sup>1</sup>, a região Nordeste concentra o maior número de autodeclarados pretos.

De acordo com Theodoro (2022), a desigualdade é a base de sustentação da sociedade brasileira, e o racismo é um dos componentes que estrutura essa desigualdade. O autor sustenta que as dimensões do trabalho, educação, saúde, ocupação territorial, compõem o mosaico da desigualdade em que a população negra está submetida. No que se refere ao mercado de trabalho, os negros estão, em sua maioria, na informalidade, são os que recebem menores salários e ocupam postos mais desvalorizados; são os que acessam de modo diferenciado na sociedade a oferta de saúde e de educação, uma vez que a qualidade desses serviços varia

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2023/06/16/populacao-que-se-declara-preta-sobe-para-106percent-em-2022-diz-ibge.ghtml>. Acesso em 11 de nov. de 2023.



## II SIMPÓSIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS UFMA - Bacabal, de 18 a 20 de outubro de 2023



conforme o sistema público ou privado, e com isso o cenário das desigualdades se solidifica “[...] com o racismo operante nos espaços escolares e nas instituições de saúde. Por meio do preconceito e da discriminação, reforça-se a naturalização do fracasso e avança-se na suspeita insidiosa de incúria com cuidados pessoais e familiares” (THEODORO, 2022, p. 326 e 327).

É interessante notar a fala de Maria, que cursou a primeira graduação em São Paulo e, ao contrário das vivências preconceituosas que vivenciou lá, não passou por isso quando se mudou para cursar Ciências Contábeis na UFG.

*Ninguém nunca falou do meu sotaque, isso que era algo que em São Paulo eu sentia muito, a xenofobia. Aqui em Goiânia eu não senti nenhum episódio de xenofobia, pelo contrário, as pessoas sempre falam “ah, que legal conhecer alguém de lá, eu já fui lá”. Esse olhar menos de estranheza e ridicularização, como via em São Paulo (migrou do Pará).*

A fala da estudante é relevante, porque apesar de não ter passado por situações preconceituosas na UFG, vivenciou-o na sua primeira experiência como migrante interestadual para acessar à educação superior, e reafirma o preconceito de origem geográfica como um fato concreto na realidade brasileira. Todavia, cabe o questionamento será que a sua chegada em Goiânia foi amortecida pelo fato de ter se graduado em São Paulo e não ter vindo direto do Pará?

Apesar de compreender os limites deste texto, é importante discutir que esse preconceito é uma construção social e até mesmo artificial, no sentido de historicamente produzido. Pautase pelas condições estruturais da sociedade, como a concentração de investimentos públicos em determinadas regiões em detrimento de outras, a presença do latifúndio e da monocultura e o lugar necessário que estes estados ocupam na “divisão nacional do trabalho”, ao ofertar, na dinâmica desse sistema produtivo, populações que ocupem empregos subalternizados e com baixos salários, quando não estão na informalidade.

De acordo com Albuquerque Júnior (2012), o Nordeste, enquanto recorte regional, nem sempre existiu, foi construído historicamente por meio de um duplo movimento, externamente, por meio dos eventos capitaneados pelo eixo Sul-Sudeste do país como uma forma de diferenciar-se daquela população e, internamente, como um sentimento e um discurso regionalista criado pelas elites nordestinas. Para o autor,



## II SIMPÓSIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS UFMA - Bacabal, de 18 a 20 de outubro de 2023



O preconceito quanto à origem geográfica em relação ao nordestino está associado não só à forma como a região e o seu habitante foram descritos, pensados, definidos pelas próprias elites nordestinas, desde o começo do século XX, mas também está associado a outros preconceitos, como o preconceito de classe, aquele dirigido contra as pessoas pobres, que se ocupam com as atividades mais desqualificadas no mercado de trabalho e preconceito racial, já que a maior parte da população da região é mestiça ou negra (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012, p. 127).

Do ponto de vista cultural, existe todo um arsenal sociocultural, que legitima as construções que reforçam as imagens da seca, pobreza, falta de água. Nesse caso, destaca-se a importância do potencial expressivo das artes, seja com a literatura, a pintura e a música. Há uma produção simbólica que naturaliza e reforça esse imaginário coletivo.

Marandola Jr e Dal Gallo (2013) destacam a importância da elaboração das redes sociais para que os migrantes possam se envolver com a cultura local, reduzindo o impacto nas mudanças psicológicas às quais estão sujeitos. O agrupamento entre os sujeitos da mesma região contribui para que amortecem as situações de preconceitos e discriminação, mantenham vivas as referências culturais e identitárias. Para Silva (2016), a partir de Teixeira et al (2012), estabelecer vínculos afetivos são estratégias essenciais no período de adaptação, pois funcionam como apoio em momentos de dificuldade. A entrada na vida universitária exige mudanças significativas, simultâneas ao embate das diferenças culturais, em que o migrante deve afiliar-se às regras institucionais e criar relações interpessoais com a comunidade universitária e para além dela.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A migração estudantil não se limita à simples mudança espacial, é um movimento mais complexo, uma vez que se estrutura por um direito social, que é o acesso à educação superior. As juventudes que realizam este deslocamento devem construir novas relações sociais e culturais. Esse movimento não ocorre isolado de historicidade dos sujeitos participantes, é permeado pelas adaptações, crescimento pessoal, avaliação da escolha profissional, mudanças socioespaciais e de referências identitárias.

Considerando que tais deslocamentos foram potencializadas por um conjunto de políticas educacionais implementadas nos governos de Lula e Dilma, é necessário investigar cada vez mais a complexidade e a diversidade deste fenômeno. Ressalta-se que elas são perpassadas pela evasão, pela eficiência na ocupação das cotas sociais e até mesmo pelas



## II SIMPÓSIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS UFMA - Bacabal, de 18 a 20 de outubro de 2023



questões subjetivas que podem interferir no processo formativo, como o preconceito de origem geográfica. Apesar de a migração estudantil não ser recente, ela se intensifica devido ao ENEM e o SiSU, essas políticas de acesso à educação superior ressignificam as migrações internas; se por muito tempo as migrações de nortistas e nordestinos se justificavam pela possibilidade de acesso ao mercado de trabalho, mesmo que em empregos mais braçais, agora elas ocorrem pelo acesso à educação superior.

A permanência do estudante está vinculada às condições materiais para permanecer no curso, mas não se pode diminuir o impacto de questões que afetem a subjetividade desses estudantes, podendo influenciar na permanência até a diplomação. Nesse sentido, é importante incentivar que esses estudantes se aproximem, pois o agrupamento entre os sujeitos da mesma região contribui para que amortecem as situações de preconceitos e discriminação, mantenham vivas as referências culturais e identitárias. Outra ação, de responsabilidade da universidade, se pauta pelo incentivo e criação de espaços formativos que visem desconstruir esse preconceito.

### REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar**: as fronteiras da discórdia. São Paulo: Cortez, 2012.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Xenofobia** – medo e rejeição ao estrangeiro. São Paulo: Cortez, 2016.

ALVES, Higo Gabriel Santos Alves. **Migração estudantil interestadual na Universidade Federal de Goiás**: políticas, sentidos e juventudes. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Goiás, Inhumas, 2023.

AZEVEDO, Leonardo Francisco de; DUTRA, Rogéria Campos de Almeida; LAIER, Aline Cristina. **Migrações estudantis**: desafios e limites de integração à sociedade de destino. In: Vivência: Revista de Antropologia, Natal, 2018, nº 21.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BALLERINI, Damiana; SILVA, Maria Aparecida. **Por uma pedagogia da mobilidade**: notas sobre migrações estudantis. Revista Textura, Canoas, v. 17, nº 34, 2015.

CARDOSO, Renata Pereira; CASTRO, Andressa Porto; FRIO, Gustavo Saraiva; FOCHEZATTO, Adelar. **Migração estudantil: uma análise do impacto da política de cotas e do programa Universidade Para Todos**. In: MACEDO, Fernando Cezar de; NETO, Aristides Monteiro; VIEIRA, Danilo Jorge (orgs.). Universidade e território: ensino superior e



**II SIMPÓSIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS**  
UFMA - Bacabal, de 18 a 20 de outubro de 2023



desenvolvimento regional no Brasil do século XXI. Brasília: Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas, 2022.

COLLARES, Ana Cristina Murta; GOELNER Isabella de Araújo. **Mobilidade estudantil no Ensino Superior e seus impactos**, ou “Quem está migrando para estudar?”. Anais do 18º Congresso Brasileiro de Sociologia. Disponível em: [http://www.adaltech.com.br/anais/sociologia2017/lista\\_area\\_GT18.htm](http://www.adaltech.com.br/anais/sociologia2017/lista_area_GT18.htm). Acesso em mai. de 2022.

GOFFMAN, Erving. **Estigma** – Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GUIMARÃES. Antônio Sérgio Alfredo. **Preconceito de cor e racismo no Brasil**. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, v. 47 n° 1, 2004.

MARANDOLA JR, Eduardo; DAL GALLO, Priscila Marchiori. **Ser migrante**: implicações territoriais e existenciais da migração. Revista Brasileira de Estudos de População. Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 407 – 424, jul – dez, 2010.

ROSÁRIO, Dina Maria; SOEIRA, Elaine. **Nômades do saber** – um estudo sobre migração estudantil. Anais do IV Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade. Disponível em: [http://educonse.com.br/2010/eixo\\_01/E1-15.pdf](http://educonse.com.br/2010/eixo_01/E1-15.pdf). Acesso em mai. de 2022.

SANTOS, Josiane Soares. **“Questão social”** – particularidades no Brasil. São Paulo: Cortez, 2012.

SILVA, Maria Ediney Ferreira da. **A produção e circulação do saber escolar**: o Nordeste enquanto conteúdo escolar nos livros didáticos de Geografia. Revista Brasileira de Educação em Geografia, Campinas, v. 4, n. 8, p. 71-87, jul./dez., 2014.

SILVA, Poliana Dias. **“Se movimentar sozinho, conhecer seus próprios caminhos”**: Representações sociais de migração por jovens universitários que estudam no agreste pernambucano. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Psicologia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

TERAMATSU, Gustavo; STRAFORINI, Rafael. **Do ENEM ao SiSU**: cartografia da interiorização do acesso à educação superior no Brasil. In: MACEDO, Fernando Cezar de; NETO, Aristides Monteiro; VIEIRA, Danilo Jorge (orgs.). Universidade e território: ensino superior e desenvolvimento regional no Brasil do século XXI. Brasília: Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas, 2022.

THEODORO, Mário. **A sociedade desigual** – Racismo e branquitude na formação do Brasil. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

VASCONCELOS, Cláudia Pereira. **A construção da imagem do nordestino/ sertanejo na constituição da identidade nacional**. Anais do II ENECULT, Salvador, 2006.

ZANLORENZI, Elizete. **Banalização da Preguiça**. Anais do XXII INTERCOM, 1999, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/24ee909a564a82ff795016dc2b8165d5.PDF>.